

Recebido em: 06/04/2022
Aprovado em: 03/06/2022
Publicado em: 30/09/2022

[TRADUÇÃO]

DO LIVRO DE MONTAIGNE
DU LIVRE DE MONTAIGNE

Por

Nicolas Malebranche

Tradução

Jeferson da Costa Vaz¹
(jeferson.2004@outlook.com)

Biografia do autor: Nascido em Paris, o padre Malebranche (1638-1712) foi um dos filósofos mais populares de seu tempo (BADIOU, 2013). Smith afirma, na sua tradução da obra *De la Recherche de la Verité* (1674/75)² – o primeiro texto publicado por Malebranche – que seus textos foram amplamente editados naquele contexto, tendo ampla influência sobre muitos autores³. Malebranche ficou conhecido principalmente por sua doutrina da Visão em Deus, e pela sua doutrina das causas ocasionais, hoje conhecida como *ocasionalismo*, que teve reconhecida influência sobre as reflexões de David Hume (1711-1776) (GOMES; SIMON, 2019). Yves-Marie André (1675-1764), discípulo e biógrafo de Malebranche, fala-nos do sucesso extraordinário (ANDRÉ, 1970) de suas obras⁴. Sobre o caráter do padre do Oratório, P. Adry, outro biógrafo, informa-nos: “Nada era mais admirável do que a sua simplicidade de criança, sua humildade, sua retidão, sua sinceridade, sua afabilidade.” (ADRY, 1970, p. 412).

Resumo do texto original: O texto *Du livre de Montaigne* se encontra no interior da obra *De la Recherche de la Verité*, mais especificamente no meio do livro II sobre a Imaginação. De maneira geral, a obra trata “da natureza do espírito do homem e do uso que devemos fazer para evitar o erro nas ciências”, como sugere o subtítulo do texto. A obra contém seis livros: Dos sentidos, Da imaginação, Do entendimento ou do espírito puro, Das Inclinações, Das Paixões e Do método. No livro II, Da

¹ Doutorando em Filosofia pelo *Joint PhD do Programme Dottorato in Scienze Umane* da Università degli Studi di Ferrara e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5729343600126279>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5162-6909>.

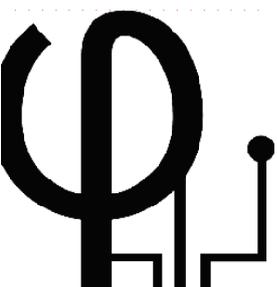
² Sobre o fato de os textos de Malebranche terem sido amplamente editados, cf. a *Introdução* de Plínio Junqueira Smith, cuja referência é: MALEBRANCHE, Nicolas. *A busca da verdade (textos escolhidos)*. Trad. Plínio J. Smith. 1ªed. São Paulo: Discurso editorial, 2004.

³ Podemos mencionar o conceito de *Vontade* que influenciou Arthur Schopenhauer (1788-1860), como o próprio autor confessa na sua mais célebre obra. Há também a noção de *inquiétude* que influenciou na construção de John Locke da noção de *uneasiness* (ALQUIÉ, 1974; MONZANI, 2011). Além desses autores, podemos mencionar Pierre de Bayle (1674-1706), La Mettrie (1709-1751) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Sobre estas últimas influências, ver, respectivamente: Solère (1995), Araújo e Bocca (2013), e Riley (1986).

⁴ É interessante como o biógrafo descreveu a *De la Recherche de la Verité* como a “obra maior de seu tempo”, algo que não podemos considerar como um exagero, tendo em vista o número amplo de edições deste texto.



imaginação, Malebranche reflete acerca de como a imaginação pode conduzir o ser humano ao erro no tocante aos raciocínios. Ora, mas por que se identifica um texto sobre os *Ensaíos* de Montaigne no meio deste livro? Montaigne aparece como alguém que seria o modelo de como não fazer uso da imaginação. Para Malebranche, o uso que Montaigne fez desta faculdade indicou uma erudição que obstava o raciocínio, como veremos abaixo.



DO LIVRO DE MONTAIGNE

Por

Nicolas MALEBRANCHE.

[Tradução: Jeferson da Costa Vaz]

Os *Ensaio*s de Montaigne também podem nos servir de prova da força que as imaginações têm umas sobre as outras: pois este autor tem um certo ar livre; ele dá um aspecto tão natural e tão vivo aos seus pensamentos que é difícil lê-lo sem se deixar inquietar. A negligência que ele causa condiz muito bem com ele e o torna agradável para a maior parte do mundo sem o fazer desprezar; e seu orgulho é certo orgulho de homem honesto, se isso se pode dizer assim, que faz com que se lhe respeite sem odiá-lo. O ar do mundo e o ar de cavalheiro, apoiados por alguma erudição, produzem um efeito tão prodigioso sobre o espírito, que geralmente o admiramos e nos rendemos quase sempre ao que ele decide, sem ousar examiná-lo e, por vezes até sem entendê-lo. Estas não são de maneira alguma as razões que persuadem: ele não adiciona a elas quase nunca coisas que ele afirma, ou pelo menos ele quase nunca adiciona as que tenham alguma solidez. Com efeito, ele não tem princípios sobre os quais ele funda seus raciocínios, e ele não tem ordem para fazer as deduções de seus princípios. Um trecho da história não prova; um pequeno conto não demonstra; dois versos de Horácio, um apotegma de Cleômenes ou de César não devem persuadir as pessoas razoáveis: no entanto seus *Ensaio*s não são senão um tecido de traços de histórias, de pequenos contos, ditos espirituosos de dísticos e de apotegmas⁵.

É verdade que não devemos olhar Montaigne em seus *Ensaio*s como um homem que raciocina, mas como um homem que se diverte, que tenta agradar e que não pensa em ensinar; e se aqueles que o leem apenas se divertem, é preciso concordar que Montaigne não seria um livro tão perverso para eles. Mas é quase impossível não amar o que apraz e não se alimentar das carnes que adulam o gosto. O espírito não pode se aprazer na leitura de um autor sem tomar

⁵ [N. T.] É interessante notar que, tal como a filósofa Syliane Charles (1997) observou, a forma na qual Malebranche julga Montaigne indica de maneira precisa um hiato entre dois períodos históricos com noções antropológicas bem distintas. Malebranche olha para Montaigne como um cartesiano, exigindo do filósofo renascentista um método racional de escrita para conduzir o público leitor à uma verdade. Esta era, porém, uma preocupação cartesiana. No período do Renascimento, como a filósofa supracitada observou, a preocupação era tecer uma filosofia para dar conta de problemas da vida prática, pois não a noção de que os seres humanos são dotados de uma Razão que pode conduzir à verdade assegurada por Deus, surgiu com Descartes. Charles (1997) não infere, com isso, que Malebranche foi anacrônico. Mas atenta para a dificuldade de julgar um pensamento expressado em períodos históricos antecedentes.

seus sentimentos, ou pelo menos sem receber alguma tinta, as quais se misturando com suas ideias, tornam-nas confusas e obscuras.

Não é apenas perigoso ler Montaigne para se divertir, porque o prazer que alguém sente compromete insensivelmente seus sentimentos; mas também porque este prazer é mais criminoso do que pensamos. Porquanto é certo que este prazer nasce principalmente da concupiscência e que ele não faz outra coisa a não ser manter e fortalecer as paixões, a maneira de escrever deste autor só é agradável porque ela nos toca e porque ela desperta nossas paixões de uma maneira imperceptível.

Seria bem inútil provar isso em detalhes porque geralmente todos os diversos estilos nos apazem ordinariamente apenas por causa da corrupção secreta de nosso coração; mas não é aqui o lugar para tratar disso, e isso nos levaria muito longe. Todavia, se queremos fazer uma reflexão sobre a ligação das ideias e das paixões das quais falei antes, e sobre o que se passa em si mesmo no momento em que lê qualquer peça bem escrita, poderemos reconhecer, de certa forma, que se amamos o gênero sublime, o ar nobre e livre de certos autores, é porque temos vaidade e porque amamos a grandeza e a independência; e porque este gosto que encontramos na delicadeza dos discursos efeminados não tem outra fonte que não uma secreta inclinação para a languidez (*mollesse*) e para a volúpia. Em uma palavra, porque é certa inteligência para o que toca os sentidos, e não a inteligência da verdade, que faz com que certos autores nos encantem e nos enlevem, como que apesar de nós. Mas voltemos a Montaigne.

Me parece que seus maiores admiradores o louvam por certa característica de autor judicioso e distante do pedantismo, e de ter perfeitamente conhecido a natureza e as fraquezas do espírito humano. Se mostro, portanto, que Montaigne, todo cavalheiro como é, não deixa de ser tão pedante como muitos outros e que ele tinha apenas um conhecimento muito medíocre do espírito, terei feito ver que aqueles que mais o admiram não foram persuadidos por razões evidentes, mas que somente foram ganhos pela força de sua imaginação.

O termo *pedante* é muito equívoco; mas o uso, parece-me, e mesmo a razão querem que chamemos pedantes aqueles que, para exhibir sua falsa ciência citam a torto e a direito toda sorte de autores, que falam simplesmente por falar e para se fazer admirar aos olhos dos tolos, os quais acumulam sem julgamento e sem discernimento apotegmas e traços de história para provar ou para fingir provar as coisas que não podem se provar senão por razões.

Pedante é o oposto do razoável; e o que torna os pedantes odiosos às pessoas de espírito, é que os pedantes não são razoáveis: porque as pessoas de espírito naturalmente amam raciocinar, elas não podem tolerar a conversa daqueles que não raciocinam. Os pedantes não podem raciocinar, porque eles têm o espírito pequeno, ou mesmo preenchido de uma

falsa erudição; e eles não querem raciocinar porque eles veem que certas pessoas os respeitam e os admiram mais quando citam algum autor desconhecido e alguma sentença de um antigo, do que quando pretendem raciocinar. Assim, sua vaidade, satisfeita ante o respeito que se tem por eles, os vincula ao estudo de todas as ciências extraordinárias que atraem a admiração do Homens comuns.

Os pedantes são, portanto, vãos e orgulhosos, de grande memória e pouco julgamento, felizes e fortes em citações, infelizes e fracos em razão; de uma imaginação vigorosa e espaçosa, mas volúvel e desregrada, e que não pode se conter (*contenir*) com precisão (*justesse*).

Agora não será muito difícil de provar que Montaigne foi tão pedante como muitos outros, segundo esta noção da palavra pedante que parece mais conforme à razão e ao uso; pois não falo aqui de pedante com um vestido longo: o vestido não pode fazer o pedante. Montaigne, que tem tanta aversão pela pedanteria, poderia bem nunca ter usado um vestido longo; mas ele não poderia se desfazer de seus próprios defeitos. Ele bem trabalhou para parecer ter um ar de cavalheiro, mas ele não trabalhou para se fazer um espírito justo, ou pelo menos não teve sucesso. Assim, ele se tornou, antes, um pedante do que cavalheiro e de uma espécie completamente singular, porque ele não se tornou razoável, judicioso e homem honesto.

O livro de Montaigne contém provas tão evidentes da vaidade e do orgulho de seu autor, que parece, talvez, assaz inútil se deter para fazê-los observar; pois é preciso estar muito cheio de si para imaginar como ele que o mundo queira ler um livro tão grosso para ter algum conhecimento de nossos humores. Era preciso necessariamente que ele se separasse do comum e se olhasse como um homem extraordinário.

Todas as criaturas têm uma obrigação essencial de mudar os espíritos daqueles que os querem adorar em direção aquele único que merece ser adorado; e a religião nos ensina que nunca devemos tolerar que o espírito e o coração do homem, que é feito apenas para Deus, se ocupem de nós e se detenham para nos admirar e para nos amar⁶. Quando São João se prosterna diante do anjo do Senhor, este anjo o proíbe de adorá-lo: *Sou servidor*, disse ele, *como você e como os seus irmãos. Adore a Deus*⁷. Há apenas os demônios e aqueles que participam do orgulho dos demônios que se aprazem em serem adorados; e é querer ser adorado, não de uma

⁶ [N.T] Nesta passagem percebemos outra crítica a Montaigne com base em pressupostos que, muito possivelmente, não foram os do autor dos *Ensaíos*. Além disso, também percebemos a presença de um conceito de significativa importância na filosofia de Malebranche: o conceito de *Glória*. Para ele, Deus fez e faz, numa dinâmica de criação contínua, tudo para a Sua Glória. Toda a criação foi realizada com esta finalidade. Sendo assim, um sujeito que potencializa o amor-próprio, acaba por desonrar Deus, pois se vangloria ao invés de glorificar aquele que, para Malebranche, é o único merecedor da Glória. Em artigo intitulado “A união entre Deus e a alma na epistemologia de Malebranche: uma proposta de reinterpretção” (2021), comentei a respeito. Sobre este assunto, também é possível consultar Guérault (1959).

⁷ Nota do Autor (NA): *Apoc. 19, 10. Conservus tuus sum, etc. Deum adora.*

adoração exterior e aparente, mas de uma adoração interior e verdadeira, porque querer que os outros homens se ocupem de nós é querer ser adorado como Deus quer ser adorado, isto é, em espírito e em verdade.

Montaigne fez seu livro apenas para se pintar e para representar seus humores e suas inclinações; ele mesmo confessa na advertência ao leitor inserida em todas as edições: *É a mim que pinto, diz ele; sou eu mesmo a matéria de meu livro*. E isso aparece bastante o lendo, pois há poucos capítulos nos quais ele não faça alguma digressão para falar de si, e há capítulos inteiros nos quais ele só fala de si. Mas, se ele compôs seu livro para se pintar, ele o imprimiu para que a gente o leia. Ele quis, portanto, que os homens o olhassem e se ocupassem dele, *embora ele diga que não é certo que alguém empregue seu lazer em um assunto tão frívolo e tão vão*. Essas palavras não fazem outra coisa que não o condenar; pois se ele acreditasse que não é certo que alguém empregue o tempo para ler o seu livro, ele mesmo teria agido contra o senso comum imprimindo-o. Assim, alguém é obrigado a acreditar ou que ele não disse o que pensava, ou que ele não fazia o que deveria.

É ainda uma aprazível desculpa de sua vaidade dizer que não escreveu senão para seus pais e amigos. Pois, se isso tivesse sido assim, por que ele teria mandado fazer três impressões? Uma só não seria suficiente para seus pais e amigos? Donde vem que ele aumentou o seu livro nas últimas impressões que ele teria mandado fazer e nunca as suprimiu, se esta é apenas a fortuna secundária de suas intenções? “Acrescento, diz ele⁸, mas não corrijo. Em primeiro lugar porque entendo que quem hipotecou ao mundo a sua obra já não tem direito sobre ela. Que ele, se puder, fale melhor em outro lugar, e não estrague a mercadoria que vendeu. De tais pessoas só se deveria comprar alguma coisa depois de mortas. Deveriam pensar bem antes de produzir. Por que pressa? Meu é sempre o mesmo, etc..”. Ele quis, portanto, exhibir-se e hipotecar ao mundo sua obra, assim como aos seus pais e aos seus amigos. Mas a sua vaidade seria sempre muito criminal, quando ele não teria mudado e detido o espírito e o coração de seus pais e seus amigos em direção ao seu retrato pelo tanto de tempo que é preciso para ler o livro.

Se é um defeito falar frequentemente de si, é um descaramento ou antes uma espécie de loucura se louvar em todos os momentos, como fez Montaigne: pois não é somente pecar contra a humildade cristã, mas é ainda chocar a razão.

Os homens são feitos para viver juntos, e para formar corpos e sociedades civis. Mas, é preciso observar que todos os particulares que compõem as sociedades não querem que os olhemos como a última parte do corpo no qual eles estão. Assim, aqueles que se louvam

⁸ NA: Liv. III, cap. IX. NT: Passagem extraída da tradução de Ivone Castilho Benedetti do Ensaio “Sobre a vaidade”.

se colocam acima dos outros, olham-nos como as últimas partes de sua sociedade e se consideram, eles mesmos, como os principais e os mais honoráveis, eles se tornam necessariamente odiosos para todo o mundo, em lugar de serem amados e estimados.

É, portanto, uma vaidade indiscreta e ridícula, para Montaigne, falar favoravelmente de si mesmo em todos os momentos. Mas é uma vaidade ainda mais extravagante para este autor de descrever seus defeitos. Pois, se prestarmos atenção, veremos que ele dificilmente não descobre senão os defeitos dos quais nos vangloriamos no mundo, por causa da corrupção do século; que ele se atribua de boa vontade os que podem fazê-lo passar por espírito forte ou lhe dar o ar de cavalheiro, a fim de que, por essa franqueza simulada da confissão de suas desordens, acredite-se com mais boa vontade quando fala em seu favor. Ele tem razão de dizer “tanto prezar como desprezar costumam nascer do mesmo ar de arrogância”⁹. É sempre uma marca certa que se está cheio de si mesmo; e Montaigne me parece ainda mais orgulhoso e mais vão quando ele se culpa do que quando se louva, porque é um orgulho insuportável ter vaidade de seus defeitos, em lugar de se humilhar. Amo mais um homem que esconde seus crimes com vergonha, do que outro que os alardeia com descaramento; e me parece que devemos ter algum horror da maneira cavalheira e pouco cristã como Montaigne apresenta seus defeitos. Mas, examinemos as outras qualidades de seu espírito.

Se acreditamos em Montaigne, em sua palavra, nós nos persuadiremos de que era um homem “de nenhuma reserva; que ele não tinha reservatório; que a memória lhe faltava completamente, mas que ele não carecia de sentidos e de julgamento”¹⁰. Porém, se acreditamos no próprio retrato que ele fez de seu espírito, quero dizer de seu próprio livro, não concordaremos, absolutamente, com ele: “Não posso receber uma carga sem comprimidos, disse ele, e quando tenho algo para dizer, se for de longo fôlego, fico reduzido a essa necessidade vil e miserável de aprender de cor (*apprendre par cœur*)”¹¹, palavra por palavra que tenho para dizer, do contrário não teria nem maneira nem segurança, com medo de que minha memória viesse a falhar.”. Um homem que pode aprender palavra por palavra dos discursos de longo fôlego, para ter alguma maneira e alguma segurança, carece antes de memória do que de julgamento? E podemos acreditar em Montaigne quando ele fala de si: “Às pessoas que me servem, é preciso que eu as chame pelo nome de seu cargo ou de seu país, pois é muito difícil

⁹ NA: Liv. III, cap. XIII. NT: Para traduzir esta passagem foi consultada a tradução do ensaio “Sobre a experiência” traduzida Rosa Freire D’Aguiar.

¹⁰ NA: Liv. II, cap. X; Liv. I, cap. XXIV; Liv. II, cap. XVII.

¹¹ [N.T.] Ainda que fosse cabível traduzir literalmente a expressão “*apprendre par cœur*” (aprender de coração), optou-se pela expressão advinda desta construção que busca descrever a ação prontificada a como que guardar ou depositar certas informações no coração. Isso pelo motivo de que a palavra latina “*cor*” indica tanto o coração, como conhecimento.

para mim lembrar nomes e, se eu vivesse por muito tempo, não acho que eu não esqueceria o meu próprio nome.”. Um simples cavalheiro que pode reter no coração palavra por palavra, com segurança, dos discursos de *longo fôlego*, tem um número tão grande de funcionários que não consegue lembrar os nomes? Um homem “que é nascido e alimentado no campo, que está entre a lavoura, que tem negócios e trabalho braçal,” e que diz “que deixar de lado o que está aos nossos pés, o que temos em nossas mãos, o que olha mais de perto o uso da vida, é algo muito distante de seu dogma,” pode esquecer os nomes franceses de seus criados? Pode ignorar, como ele diz, “a maior parte das moedas, a diferença entre um grão e outros na terra e no celeiro, se ela não está muito aparente; os mais grosseiros princípios da agricultura e que as crianças sabem, para que serve o fermento do pão, e o que faz fermentar o vinho¹²,” e todavia ter o espírito cheio de nomes de antigos filósofos e de seus princípios, “as ideias de Platão, os átomos de Epicuro, o pleno e do vazio de Leucipo e de Demócrito, a água de Tales, a infinitude da natureza de Anaximandro, o ar de Diógenes, os números e o sistema de Pitágoras, o infinito de Parmênides, o ar de Museus, a água e o fogo de Apolodoro, as partes similares de Anaxágoras, a discórdia e a amizade de Empédocles, o fogo de Heráclito, etc.¹³”. Um homem que, em três ou quatro páginas de seu livro, relaciona mais de cinquenta nomes de autores diferentes com suas opiniões; que preencheu toda a sua obra de traços de história e de apotegmas amontoados sem ordem, que diz que “a história e a poesia são seu jogo em matéria de livros¹⁴,” que se contradiz em todos os momentos e no mesmo capítulo, mesmo quando fala de coisas que pretende melhor saber, quero dizer quando fala das qualidades de seu espírito, deveria se incomodar de ter mais julgamento do que memória?

Admitamos, portanto, que Montaigne foi *excelente em esquecimento*, uma vez que Montaigne nos assegura o desejo de que tenhamos esta opinião sobre ele, e, enfim, isso não é de fato contrário à verdade. Mas, não sejamos persuadidos por sua palavra ou pelos louvores que ele se dá, que foi um homem de grande sensibilidade e de uma penetração de espírito extraordinária. Isso poderia nos lançar ao erro e dar muito crédito às opiniões falsas e perigosas que ele debita com um orgulho e uma ousadia dominante que faz apenas atordoar e ofuscar os espíritos fracos.

¹² NA: Liv. II, cap. XVII.

¹³ NA: Liv. II, cap. XII.

¹⁴ NA: Liv. I, cap. XXV. NT: Identificamos aqui uma citação indireta de Malebranche da seguinte passagem, conforme a tradução de 2010 do ensaio “Sobre a educação das crianças”: “A história é minha caça em matéria de livros, ou a poesia, que amo com especial pendor, pois, como dizia Cleanto, assim como o som comprimido no tubo estreito de uma trombeta sai mais agudo e mais forte, assim me parece que a frase, comprimida pelo número de pés da poesia, se lança bem mais abruptamente e golpeia-me com mais vivo abalo.” (MONTAIGNE, 2010, p. 61).

O outro elogio que fazemos a Montaigne, é que detinha um conhecimento perfeito do espírito humano; que ele penetrou o fundo, a natureza, as propriedades; que sabia o forte e o fraco, em uma palavra, tudo o que se pode saber. Vejamos se ele merece esse elogio e donde vem o fato de que somos tão liberais com relação a ele.

Aqueles que leram Montaigne sabem bem que este autor fingia ser pirroniano, e que se vangloriava de duvidar de tudo. “A persuasão da certeza, diz ele, é um certo testemunho da loucura e da incerteza extrema; e não existem mais tolas e menos filósofos do que os filodoxos de Platão.¹⁵”. Ele tece, ao contrário, tantos elogios aos pirronianos no mesmo capítulo, que não é possível que ele não tenha sido desta seita. Para se passar por um homem inteligente e valente, era necessário, em sua época, duvidar de tudo; e a qualidade de uma mente forte da qual se orgulhava ainda o mantinha nessas opiniões. Assim, supondo que ele seja acadêmico, poderíamos, de um só golpe, convencê-lo de ser o mais ignorante de todos os homens, não somente no tocante à natureza do espírito, mas ainda em qualquer outra coisa. Porque, uma vez que haja uma diferença essencial entre saber e duvidar, se os acadêmicos dizem o que pensam quando asseguram que nada sabem, podemos dizer que estes são os mais ignorantes de todos os homens.

Mas, estes não são somente os mais ignorantes de todos os homens, estes são os defensores das opiniões menos razoáveis. Pois, eles não somente rejeitam tudo o que é de mais certo e de mais universalmente acolhido (*reçu*) para se fazerem passar por espíritos fortes; mas, pelo mesmo movimento de imaginação, eles se aprazem em falar de uma maneira decisiva das coisas mais incertas e menos prováveis. Montaigne é visivelmente acometido dessa doença de espírito; é preciso necessariamente dizer não somente que ele ignorava a natureza do espírito humano, mas ainda que ele estava enganado grosseiramente sobre o assunto, supondo que nos tenha dito o que pensava, como deveria fazer.

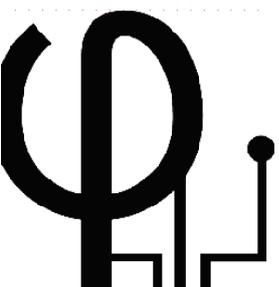
Porque podemos dizer de um homem que confunde o espírito com a matéria, que relaciona as opiniões mais extravagantes dos filósofos sobre a natureza da alma, sem as desprezar e ainda de um ar que faz saber que ele aprova as mais opostas à razão; quem não vê a necessidade da imortalidade de nossas almas, quem pensa que a razão humana não pode reconhecê-la e quem olha as provas que damos como sonhos, porque o desejo faz nascer em nós: *Somnia non docentis, sed optantis*¹⁶; quem voltar a declarar que todos os homens *se separam da multidão das outras criaturas e se distinguem dos animais*, que ele chama de *nossos compadres e nossos companheiros*, os quais ele acredita falar, ouvir e gozar de nós, da

¹⁵ NA: Liv. I, cap. XIII.

¹⁶ [N.T:] “Os sonhos não fazem parte do professor, mas de quem deseja”. Frase atribuída a Cícero.

mesma forma que nós falamos, que nós nos ouvimos e que gozamos deles; quem coloca mais diferença entre um homem e outro homem, do que entre um homem e um animal; quem dá até às aranhas *deliberação, pensamento e conclusão*; e quem, depois de ter sustentado que a disposição do corpo do homem não tem nenhuma vantagem sobre aquele dos animais, aceita de boa vontade este sentimento, “que não é pela razão, pelo discurso e pela alma que nos destacamos sobre os animais, mas por nossa beleza, nossa pele bonita e nossa bela disposição dos membros, pela qual precisamos colocar nossa inteligência, nossa prudência e todo o restante ao abandono, etc.” Podemos dizer que um homem que se serve de opiniões as mais bizarras para concluir “que não é por palavras reais, mas por um orgulho e teimosia que nós nos preferimos a outros animais,” teria um conhecimento exato do espírito humano, acreditando persuadir os outros?

Mas é preciso fazer justiça a todo o mundo e dizer de boa-fé qual foi a caráter do espírito de Montaigne. Ele tinha pouca memória, ainda menos julgamento, é verdade, mas essas duas qualidades juntas não formam o que no mundo é comumente chamado de beleza do espírito. É a beleza, a vivacidade e a extensão da imaginação que fazem passar por belo espírito. O comum dos homens estima o brilhante e não o sólido, porque amamos mais o que toca os sentidos do que o que instrui a razão. Assim, tomando a beleza da imaginação por beleza do espírito, podemos dizer que Montaigne tinha um belo espírito e até extraordinário. Suas ideias são falsas, mas belas; suas expressões irregulares ou ousadas, mas agradáveis; seus discursos mal raciocinados, mas bem imaginados. Vemos em todo o seu livro um caráter original que apraz infinitamente: copista que ele é, ele não se sente seu copista; e sua imaginação forte e ousada dá sempre originalidade às coisas que copia. Ele tem, enfim, isso que é necessário ter para agradar e para impor; e penso ter mostrado suficientemente que não é convencendo a razão que se faz admirar tantas pessoas, mas conduzindo (*tournant*) o espírito para a sua vantagem, pela vivacidade sempre vitoriosa de sua imaginação dominante.



REFERÊNCIAS

- ADRY, P. *Vie privée du P. Malebranche*. In: ANDRÉ, Yves-Marie. *La vie du R. P. Malebranche : prêtre de l'Oratoire, avec l'histoire de ses ouvrages*. Genève: Slatkine Rerpints, 1970, pp. 404-425.
- ANDRÉ, Yves-Marie. *La vie du R. P. Malebranche : prêtre de l'Oratoire, avec l'histoire de ses ouvrages*. Genève: Slatkine Rerpints, 1970.
- ARAÚJO, Arthur; BOCCA, Francisco Verardi (org). *La Mettrie ou filosofia marginal do século XVII*. 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- BADIOU, Alan. *Malebranche : L'être 2 – figure théologique (texto établi par Isabelle Vodoz)*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 2013.
- CHARLES, Syliane. “Le Procès De Montaigne Par Malebranche. La Véracité à L'aune De La Vérité Moderne.” *Renaissance and Reformation / Renaissance Et Réforme*, vol. 21, no. 3, 1997, pp. 25-41. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43445137>>. Acesso em: 13 set. 2021.
- GOMES, Evandro da Rocha; SIMON, Samuel. A contribuição do ocasionalismo de Nicolas Malebranche para a crítica à causalidade de David Hume. *Dois pontos*, vol. 16, n. 3, p. 1-19, nov. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v16i3.66674>.
- GUÉROULT, M. *Malebranche II : Les cinq abîmes de la providence – L'ordre et l'occasionalisme*. 1ª ed. Paris : Aubier Éditions Montaigne, 1959.
- MALEBRANCHE, Nicolas. *A busca da verdade (textos escolhidos)*. Trad. Plínio J. Smith. 1ª ed. São Paulo: Discurso editorial, 2004
- MALEBRANCHE, Nicolas. *De la Recherche de la Verité*. In: MM. de Genoude; Lourdeux (org). *Oeuvres complètes*. Paris: Libraire de Sapia, 1837.
- MONTAINGE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MONTAINGE, Michel de. *Sobre a vaidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Desejo e prazer na idade moderna*. 2ª ed. Curitiba: Champagnat, 2011.
- SOLÈRE, Jean-Luc. *Tout plaisir rend-il heureux ? Une querelle entre Arnauld, Malebranche et Bayle*. *Chroniques de Port-Royal*, vol. 44, p. 351-379, Abril-Juin 1995.
- VAZ, Jeferson da Costa. A união entre Deus e a alma na epistemologia de Malebranche: uma proposta de reinterpretação. *Revista controversia*, v. 17, n. 3, p. 56-82, set-dez, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/23075>>. Acesso em: 13 set. 2021.